

AS VIOLÊNCIAS EM MADAME BOVARY: UM ESTUDO PSICANALÍTICO DA OBRA DE GUSTAVE FLAUBERT

Pedro Valentim Eccher¹

Gustavo Angeli²

Adriana Aparecida do Amaral³

¹ Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque, Brasil(2020)

² Mestrado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, Brasil(2016). Psicólogo.

³ Psicóloga.

RESUMO

O presente trabalho propõe escutar as reverberações das violências contra a mulher no que tange o social e o feminino na obra ‘Madame Bovary’. A estratégia de produção de conhecimento está pautada no método psicanalítico, na associação livre e atenção fluente. A partir do escopo freudiano e pós freudianos ancora-se nas teorizações em torno da violência contra mulher e nas conceitualizações do complexo de Édipo feminino para sustentar as interpretações de uma pesquisa em psicanálise extramuros. As análises foram produzidas a partir dos entrelaces das composições teóricas com as problemáticas desveladas pela obra de Gustave Flaubert. Ademais, entende-se que a escuta do inconsciente proporciona saberes que atuam na desconstrução de estigmas sociais relacionados às violências contra mulher.

Palavras-chave: Cultura. Feminino. Psicanálise. Violência.

VIOLENCES IN MADAME BOVARY: A PSYCHOANALYTIC STUDY OF GUSTAVE FLAUBERT'S WORK

ABSTRACT

The present work proposes to listen to the reverberations of

violence against women with regard to the social and the feminine in “Madame Bovary”. The knowledge production strategy is based on the psychoanalytic method, free association and floating attention. Based on the Freudian and post-Freudian scope, it is anchored in theories surrounding violence against women and in the conceptualizations of the female Oedipus complex to support the interpretations of research in extramural psychoanalysis. Analyzes were produced from the intertwining of the theoretical compositions with the problems unveiled by the production the Gustave Flaubert. Furthermore, the results show that listening to the unconscious provides knowledge that works to deconstruct social stigmas related to violence against women.

Keywords: Culture. Feminine. Psychoanalysis. Violence.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe escutar as reverberações das violências contra a mulher no que tange ao social e ao feminino, apresentadas na obra ‘Madame Bovary’. a produção literária de Gustave Flaubert e a produção cinematográfica são compreendidas como possibilidades de uma escuta psicanalítica extramuros. Neste sentido, a obra compreendida como o livro e o filme serão escutados de forma a reverberar a exposição das características psíquicas do humano na cultura. Sendo assim, as elaborações teóricas frente ‘Madame Bovary’ podem auxiliar no entendimento da violência contra a mulher, apresentada na contemporaneidade.

O filme ‘Madame Bovary’, inspirado no livro de Gustave Flaubert (1857), publicado na França, sendo um clássico da literatura oitocentista, retrata a vida de uma mulher do século XVIII, na Europa, demonstrando a falta de lugar e voz da figura feminina na sociedade moderna. A justificativa por associar este filme à pesquisa se dá pelo fato de retratar a história do sofrimento de uma mulher que tem conflitos, por conta dos costumes burgueses da sociedade europeia, que reprimem seus desejos e sua sexualidade. Logo, frente às formas de violências assistidas nessa obra, ressurgem fontes de interpretações à luz da teoria psicanalítica, considerando métodos psi-

canalíticos, como a associação livre e a escuta extramuros do inconsciente. Este artigo pretende problematizar as violências encontradas na escuta da protagonista (Emma) e produzir conhecimentos sobre os aspectos do campo inconsciente no social.

Além disso, o interesse de elaborar analogias entre ‘Madame Bovary’ e a psicanálise nasce ao entender que Flaubert (1857), em sua época, explicita, em sua obra literária, o sofrimento psíquico de uma mulher que não é compreendida frente a seus desejos, descrevendo Emma como uma mulher doente e depressiva, perante sua família, a sociedade, a religião e pela própria medicina. Assim, também a psicanálise surge, com o olhar de Freud (1893/2016), para as mulheres ditas histéricas, buscando romper com o silêncio dessas mulheres, consideradas doentes, mentirosas e, por conta disso, ignoradas em sua época, tendo em vista o sofrimento psíquico que as acometia. Desta forma, a psicanálise mantém sua atualidade, colocando em questões as adversidades, trabalhando com outros campos de conhecimento, como a cultura (PEREIRA; VIEIRA; MENEZES, 2019). Por isso, irrompe possibilidades por intermédio da psicanálise, escutar o sofrimento de Emma em sua época e construir estratégias de escuta e combate à violência contra a mulher na contemporaneidade.

Segundo Freud (1906/2015), o sofrimento psíquico provoca no sujeito consequências, como a coibição de certas recordações acometidas de afetos e desejos, que transbordam a consciência. Sendo assim, quando Freud atende as histéricas e escuta os sofrimentos, nos permite assistir, além do nascimento da teoria, o desenvolvimento do arcabouço teórico psicanalítico, a formulação de um aparelho psíquico regido não pela consciência, mas pelo inconsciente, formado por meio de uma ação psíquica, o recalçamento, mecanismo de defesa da histeria. Nesse sentido, Freud (1893/2016), no texto ‘Estudos sobre a histeria’, descreve tratar as mulheres da sua época, se distanciando da psiquiatria clássica, salientando que o sofrimento que era chamado de doença não advinha de causas orgânicas, mas como consequência de conflitos entre a sexualidade, a vida cotidiana e a moral imposta pela sociedade (FREUD, 1893/2016).

Desse modo, a elaboração deste trabalho não se destina a encontrar soluções para as questões das violências contra mulheres, mas sugere elucidar

as violências apresentadas no filme *Madame Bovary* e no livro de Flaubert, verificar se essas violências se encontram encobertas na cultura e na sociedade contemporânea.

Procurando alcançar o objetivo do artigo, de escutar as violências na obra ‘*Madame Bovary*’, serão visitadas obras freudianas e pós-freudianas, buscando conhecimento e utilizando o método de pesquisa psicanalítica extramuros. A fundamentação teórica parte dos desdobramentos da violência contra a mulher, bem como do complexo de Édipo, e de como suas dissoluções influenciam na configuração subjetiva da mulher. Ademais, as análises serão produzidas a partir dos entrelaces dessas composições teóricas com as problemáticas desveladas pelo filme.

2 O COMPLEXO DE ÉDIPO E A CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE

Freud cria um nome inspirado na mitologia grega para a estrutura central das neuroses, utilizado na linguagem psicanalítica, denominado Complexo de Édipo. Essa expressão desempenha um papel primordial na formação da estrutura psíquica do sujeito (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004). Conforme descreve Kehl (2008), a sexualidade humana não se caracteriza pelo biológico, mas pela inserção do sujeito na cultura. Na criança pequena, a identificação com o sexo biológico se dá através do papel que ela ocupa no triângulo edípico. Existem três termos fundamentais na condição de sujeito, o falo, o desejo e a lei. Esses três termos transitam no triângulo edípico, formado pela figura do pai, mãe e criança, bem como são introduzidos entre as inscrições imaginárias, simbólicas do inconsciente.

De acordo com Freud (1931/2016), pelo fato do ato de amor da criança não ter medida, torna-se incapaz de plena satisfação e, com isso, está fadado à decepção, dando lugar a atitudes hostis: “o amor da criança é desmedido, requer exclusividade, não se satisfaz com frações” (FREUD, 1931/2016 p. 381). Nesse sentido, para dar início ao percurso percorrido pela criança no com-

plexo de Édipo, torna-se importante salientar que a criança, na sua fase edípica, apresenta desejos amorosos muitas vezes hostis, mas necessários para o desenvolvimento psicosexual da mesma (CECCARELLI, 2005). Diante disso, o complexo de Édipo é considerado um paradigma, pois “a criança deve ter imagens identificatórias e representações simbólicas do masculino e do feminino; o pai é importante para introduzir a lei, embora se saiba que é uma função, a figura do pai é sempre evocada, o que se mantém a hegemonia do patriarcado” (CECCARELLI, 2005, p. 2).

Já sobre o Édipo na menina, Molina (2011) descreve que Freud deixa claro o impasse de explicar o desenvolvimento psíquico ou a sexualidade feminina nesse complexo. Contudo, no texto ‘A dissolução do complexo de Édipo’, Freud (1923/2011) enfatiza as diferenças no desenvolvimento da sexualidade em meninos e meninas e a importância do complexo de Édipo no período sexual da primeira infância. Partindo disso, a dissolução do complexo de Édipo no menino se dá diante da ameaça de castração (FREUD, 1925/1996). Como descreve Freud (1923/2011), esse movimento não é simples e a transição do Édipo não acontece da mesma forma em todos os seres humanos.

Desse modo, a justificativa em relação ao complexo de Édipo seria elucidada por seus fins. Através do conhecimento divulgado por Freud, entende-se que o menino não teria apenas uma relação afetuosa com a mãe e uma rivalidade com o pai, mas, sim, “se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe” (FREUD, 1923/1996 p.46). Dessa forma, ocorrerá uma identificação materna e paterna, em que a identificação paterna manterá a relação do objeto com a mãe e suprirá a relação de objeto com o pai, o mesmo podendo ocorrer de forma contrária (ANGELI, 2016).

Assim sendo, na situação das meninas, o complexo de Édipo tem um impasse, a mãe como objeto de amor original deve ser substituída pelo pai (ANGELI, 2016). Em seus escritos, Freud (1931/1996) explica que a menina abandona seu primeiro objeto de amor, a mãe, para amar o pai, podendo esse deslocamento não acontecer, pelo fato de uma intensa ligação com a figura materna, que não permite ser substituída ou deslocada. Isto é, “nas meninas, ao contrário dos meninos que saem do complexo de Édipo pela ameaça de castração, é justamente este complexo que permite a entrada da menina no

complexo de Édipo” (ANGELI, 2016 p. 45).

Complementando essas diferenças, para Freud (1932/1996), as primeiras fases libidinais ocorreriam da mesma forma no menino e na menina, no início do desenvolvimento. Assim, a menina pode ser considerada um “homenzinho”. Seguindo a lógica das fases libidinais, o menino descobre o prazer com o seu pênis e a menina descobre o prazer no seu clitóris. No momento em que a menina percorre os caminhos da feminilidade, o clitóris será substituído pela vagina, assim como o objeto amoroso mãe será substituído pelo pai. Freud (1925/1996) explica a confirmação das diferenças anatômicas, que teriam efeitos opostos das meninas para os meninos. Num primeiro momento, no menino, a diferença anatômica não ocasionaria interesse, mas por conta da ameaça da castração e com a recordação da imagem do órgão genital da menina, o medo aumenta, reforçando a ameaça (ANGELI, 2016).

Sobre a castração e as identificações fálicas de ambos os sexos, assim que os homens se dão conta das diferenças anatômicas, se abrem duas possibilidades: uma aversão a esse ser castrado ou um descaso triunfante por ela (FREUD, 1925/1996). No entanto, a menina percebeu que falta algo na sua anatomia e, portanto, passa a desejar o que lhe falta. “Seu reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade” (FREUD, 1925/1996, p.284).

Quando a menina descobre que o órgão genital masculino é diferente, geralmente isso acontece ao brincar com irmãos ou colegas, inicialmente ela se sente inferior, comparando o órgão do menino com seu órgão ou, até mesmo, sente inveja do pênis (ANGELI, 2016). Num primeiro momento, essa inveja do pênis leva a mulher a uma constante tentativa de ter um pênis, o que a faz se identificar com homens. Essa percepção da diferença anatômica também pode causar a sensação errônea de inferioridade da mulher em relação ao homem, “uma ferida narcísica, diante da descoberta da falta do órgão genital masculino em todas as mulheres, a mulher partilhava do desprezo de sua inferioridade com os próprios homens” (ANGELI, 2016 p. 46).

Um outro efeito da inveja do pênis, seria “um afrouxamento da relação afetiva da menina com seu objeto materno” (FREUD, 1925/1996, p. 283). A mãe, que a gerou, agora é culpabilizada por não ter lhe dado um pênis e

este acaba sendo um dos motivos do desligamento da figura materna. O que leva a menina a recusar a mãe e a buscar o pai é a perspectiva de ‘através do pai ter um pênis’. “No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica” (FREUD, 1932/1996, p.128).

Assim como a menina não é capaz de obter um pênis, para ela, o órgão simbólico considerado detentor do poder, ela desloca sua libido no desejo de ter um filho, ou seja, toma o pai como objeto amoroso. Neste momento, a mãe é colocada como rival, então, a mesma entende que a maternidade lhe proporcionará, de forma garantida, a produção de um falo (Freud, 1932/1996). Ou seja, essa busca pelo pai marca a entrada da menina no complexo de Édipo. Ela vê no pai o suposto portador do falo e esse pai, que pode lhe dar um filho, sendo simbólico e substituto fálico (COSTA; BONFIM, 2014).

Neste sentido, salienta-se que não necessariamente o desejo pelo falo acaba solucionado quando a mulher se torna mãe, ou mesmo ao escolher seu parceiro amoroso, pois o falo não se trata do órgão masculino: “estas são apenas maneiras imaginárias com objetivos inoperantes de suturar uma falta irreduzível” (COSTA; BONFIM, 2014, p.233). Freud atribui ao feminino uma parcela de narcisismo, que influencia na escolha objetual da mulher e, com isso, explica que para a mulher é mais importante sentir-se amada do que amar. Dessa forma, também se enfatiza que a falta do pênis tem como consequência a valorização da vaidade física da mulher, tentando compensar a suposta inferioridade sexual original (MOLINA, 2011).

Assim sendo, esse sujeito, que apresenta traços femininos como masculinos, a feminilidade e a masculinidade aparecem nas discussões e no campo teórico, pois “aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (FREUD, 1932/1996, p.115). A masculinidade e a feminilidade são construções que se dão ao longo do desenvolvimento da sexualidade. A discussão sobre o complexo de Édipo torna-se relevante para apresentar a construção do psiquismo e da sexualidade feminina, compreendendo a dinâmica desta mulher do discurso e do desejo, elementos esses identificados na escuta do inconsciente, que promove elaborações para além das produções coletivas e patriarcais do feminino.

3 DESDOBRAMENTOS DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER A PARTIR DO OLHAR DA PSICANÁLISE

Historicamente, por conta da influência iluminista no século XVIII, surge para a mulher a responsabilidade da criação e educação dos filhos, ou seja, uma ligação entre o sexo feminino e a maternidade (NUNES, 2000). Até então, as mulheres não eram vistas como responsáveis por esta tarefa. Esse período foi marcado pela atenção aos altos índices de mortalidade infantil, mesmo nas classes mais favorecidas. Por conta disso, filósofos, médicos e moralistas iniciaram um discurso tornando necessário a organização da família nuclear e a responsabilidade do cuidado dos filhos e da família pelas mulheres (NUNES, 2000).

A mulher, considerada enigmática para a figura masculina, tem o poder e a responsabilidade de gerar um filho e se tornar mãe. Nesse sentido, com a função e responsabilidade materna, a mulher, antes considerada imperfeita e pouco evoluída, começa a se destacar. Anteriormente, o olhar da filosofia para a mulher era comumente de um ser apenas carnal, com sentimentos maldosos e portadora de um descontrole sexual.

Após ter recebido, no século XVIII, o título de guardião da infância, a imagem feminina ganha uma nova versão: de criatura diabólica passa a ser vista como um ser doce e sensato, de Eva para Maria, assim, uma metamorfose que transformou a mulher perante os olhos da sociedade, em um ser modesto e responsável pelo cuidado do lar. Por conta deste papel de mãe, a mulher começou a ser vista como mártir, sacrificada, sofredora. “Elas deveriam sacrificar seus anseios, seus projetos, sua capacidade de pensar, seus direitos pessoais e civis, em nome dos filhos e do marido” (NUNES, 2000, p.49).

Exemplificando os dilemas de submissão da época, vale ainda ressaltar que, na cidade de Viena, onde Freud residiu algum tempo, a imagem da mulher era duvidosa perante a sociedade. No livro 'O que Freud dizia sobre as mulheres', Molina (2011) escreve que, na Viena do século XIX, em um período de transição de valores e hábitos, vive-se alegre uma vida inesperada. Nesse contexto social vienense, a arte teatral apresenta, em suas peças, temas preconceituosos referentes às mulheres: elas são passivas, frívolas e ingênuas, a ponto de se apaixonarem pelo primeiro que lhe der um elogio. A

plateia de homens e mulheres riam dessas asneiras. Falavam das mulheres nas peças teatrais, mas não dos homens. Nesse período da história, o teatro era um grande palco, ícone da cidade, da sociedade e de importante força simbólica de opressão do feminino.

A psicanálise surgiu com as histéricas, quando uma das mulheres atendidas por Freud pediu a ele que se calasse e que a ouvisse, uma conduta além do seu tempo. Essa mulher, que não encontrava outro lugar onde alguém a escutasse, não conseguiu ser compreendida e se expressar. Referente à sexualidade feminina, a teoria freudiana provocou transformações consideráveis sobre as concepções psiquiátricas, colocando no centro da controversa da sexualidade a questão do prazer. Desse modo, deslocou a sexualidade do âmbito da biologia para a esfera das representações psíquicas, assim deslocando do instinto para a fantasia (NUNES, 2000).

Conforme descreve Kehl (2008), a sexualidade humana não se caracteriza pelo biológico, mas pela inserção do sujeito na cultura. Na criança pequena, a identificação com o sexo biológico se dá através do papel que ela ocupa no triângulo edípico. Existem três termos fundamentais na condição de sujeito, o falo, o desejo e a lei. Esses três termos transitam no triângulo edípico, formado pela figura do pai, mãe e criança, bem como são introduzidos entre as inscrições imaginárias, simbólicas do inconsciente.

Por isso, segundo Kehl (2008, p. 272), “outras mulheres, que a Psicanálise hoje talvez não esteja conseguindo ouvir, podem estar demandando outras escutas que lhes possibilitem se constituir não como as histéricas, mas como sujeito de um discurso próprio”. Essa mulher, que está em busca de um destino diferente do que o imposto pela sociedade do seu tempo, é o que encontraremos nas análises relacionadas a ‘Emma Bovary’, que, em sua angústia, buscou no suicídio uma ruptura que criasse um significativo para marcar sua existência no mundo (KEHL, 2008).

O filme ‘Madame Bovary’, inspirado no livro de Gustave Flaubert (1857), expressa a situação da figura da mulher, quando ela começa a desejar um lugar na sociedade, além do papel de esposa e mãe (NUNES, 2000). Ademais, partindo das referências teóricas adotadas, é possível constatar como o social produz subjetividade e formata a figura mulher através das tradições sociais voltadas para a figura masculina como detentora do poder. Esse movimento

representa a produção da figura da mulher na modernidade, conduzida pelo patriarcado e pode ser atrelado com as análises a serem construídas sobre o filme.

4 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

O presente artigo busca compreender as formas de violência através da escuta da obra 'Madame Bovary', mediante proposta de pesquisa pautada na teoria psicanalítica e da escuta do sofrimento humano. Para Nobre (2010), a psicanálise pode ser transportada às manifestações artísticas como um saber que se associa à literatura. Sendo assim, esta pesquisa se sustenta na ousadia de Freud em expandir a psicanálise além da clínica, isto é, os métodos psicanalíticos elaborados por Freud possibilitam a construção de novos saberes sobre o sujeito, aplicados na cultura, literatura, mitologia e assim por diante, tentando entender e descrever o psiquismo humano. A psicanálise nasceu, justamente, com o propósito de não engessar o sujeito e, por isso, é um saber a se construir, ou seja, é inacabado (NOBRE, 2010).

Portanto, buscando produzir conhecimento através da arte e, assim, discorrer sobre a obra 'Madame Bovary', este artigo se sustentará no método da Psicanálise Extramuros. Logo, "a psicanálise extramuros diz respeito a uma abordagem de problemáticas que envolvem uma prática psicanalítica, que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico" (ROSA, 2004, p. 331). Nesse sentido, por meio deste método, torna-se possível analisar o sujeito na obra cinematográfica e literária, mesmo não estando em atendimento clínico. Independentemente da nomenclatura utilizada por Freud, ou pelos autores pós-freudianos, para método de pesquisa, a psicanálise extramuros é uma abordagem baseada na ética, interpellando problemáticas psicanalíticas, abordando um sujeito inserido na cultura, que não envolve apenas o tratamento psicanalítico (ROSA, 2004).

Seguindo essa lógica de produção do conhecimento, a escuta da personagem Emma no filme e livro, na pesquisa, será sustentada com os pilares metodológicos psicanalíticos transportados para a arte, como a associação

livre, a atenção flutuante e a transferência (MENEZES; SANTOS, 2012).

Esta pesquisa em psicanálise é pautada pela inserção do desejo do pesquisador pela formação do enigma que sua inquietação busca desvelar (POLI, 2005). Vale ressaltar que o pesquisador tem como base o mundo vivido que é discursivo produzindo realidade psíquica ou fantasia. Com isso, o método psicanalítico elabora uma metapsicologia produto da escuta analítica, que não destaca a interpretação, ou a teoria, mas incorpora teoria, prática e pesquisa (ROSA, 2004).

O filme desta análise retrata a trajetória de vida de uma mulher oitocentista, sendo inspirado no livro 'Madame Bovary', publicado em outubro de 1857, na França, por Gustave Flaubert. A publicação do livro causou descontentamento, porque alguns leitores alegavam que seus escritos eram uma afronta à religião, à moral, aos bons costumes e às normas sociais da época. Então, diante deste fato, o autor foi processado judicialmente por seus escritos, impedindo sua publicação naquele momento. Entretanto, Flaubert e os editores do livro conseguiram vencer a acusação judicial e, no ano seguinte, o livro retornou a público.

Toda essa discussão em torno do livro despertou o interesse das pessoas, que queriam descobrir o que tinha de tão imoral nos escritos e, assim, a retomada da publicação do livro tornou-se uma atração naquela época. A polêmica moralista diante do livro de Flaubert se associa à polêmica causada na sociedade com os primeiros escritos freudianos que foram censurados e acusados de imoralidade e perversão. Flaubert e Freud são censurados por apontar e desvelar o que se encontra sob o véu do recalque, o proibido desejo e a diversidade da vida psíquica.

5 REVERBERAÇÕES DA VIOLÊNCIA EM MADAME BOVARY

Emma era uma jovem nascida no campo, que, aos 13 anos, foi enviada para um convento de freiras para dar continuidade à sua educação, preparando-a para casar e ser uma boa esposa. Mas Emma, mesmo inserida nesse contexto religioso e moralista de freiras, não seguia as regras. Apesar de proibido, ela gostava de ler romances, folhetos e almejava uma vida semelhante à

das mulheres dos romances. Emma, desde muito cedo foi educada conforme as regras da sociedade e da cultura para ser uma mulher exemplar, ou seja, submissa, obediente, encarcerada no lar com os afazeres domésticos. No período moderno oitocentista, as mulheres não tinham escolha, a maioria delas não conseguia estudar, ler, ter uma profissão. Emma, nesse sentido, foi privilegiada, conseguiu aprender a ler e usava a leitura com refúgio para uma situação aparentemente sem solução.

Assim Flaubert descreve Emma como uma mulher que irrompe com as normas da sociedade onde a mulher tem o papel apenas de mãe e de esposa. No qual ser casada e ter o sobrenome do marido é de suma importância. Não é o primeiro nome da protagonista que é enfatizado no filme, mas as pessoas se dirigiam a ela como 'Madame Bovary' e não como Emma. Isso faz pensar numa violência social. Então, quem é Emma? Quem é a mulher além da esposa do médico? Nesse sentido, como viveria uma mulher oitocentista que não casou?

Freud e Flaubert se encontram na escuta de uma mulher e seus desejos. A violência de uma sociedade, diante de apenas um destino de vida traçado para a mulher, o casamento. O homem, seu sobrenome, permitia o surgimento de uma mulher. A violência se encontra na impossibilidade de se reconhecer ou nomear, há que se contar com a sorte de um casamento para encontrar um lugar no mundo.

A configuração e as dinâmicas em torno das funções e das obrigações dessa mulher podem apontar para as marcas da violência de uma época, violência que se atravessa no corpo e psiquismo, violência que naturaliza, que cristaliza papéis e funções sociais. Segundo Kehl (2008), Freud descreve em seus estudos que o sujeito não nasce homem ou mulher, feminino ou masculino, que é no processo de subjetivação a partir do Complexo de Édipo que se pode pensar na constituição de um psiquismo. Qual o lugar da mulher além de mãe, esposa e uma ótima dona de casa? O que pode uma mulher? Se o processo de constituição aponta para uma relação e desnaturalização do humano, como podemos permanecer fixados na anatomia para definir os destinos de uma mulher ou de um homem?

Emma é uma mulher que não costuma repensar sobre as situações que acontecem em sua vida. Vive em busca de algo que remeta à felicidade e à

plenitude, buscando algo que nem ela sabe o que é. Emma vai em busca de seus sonhos, independentemente das violências de uma sociedade opressora para a figura feminina. Emma não por ter nascido mulher está pautado na violência que ela sofre. Ela é uma mulher que faz resistência e ruptura dos costumes do seu tempo, inspirando novas mulheres a fazerem o mesmo.

6 CASAMENTO, MULHER E DESEJO

O marido de Emma, Charles, era um médico provinciano, que foi chamado a um vilarejo próximo de onde mora para atender um fazendeiro que tinha quebrado a perna. Nesse momento, o jovem médico conhece Emma, filha do fazendeiro, e se encanta por ela. Ao ficar viúvo, Charles volta a visitar Emma e a pede em casamento. O pedido de casamento de Charles é recebido com alegria por Emma. Nas suas fantasias em torno do casamento, Emma idealiza uma chance de livrar-se da vida pacata que leva na fazenda do pai e acredita viver uma vida mais emocionante casada com Charles. Percebe-se, então, o destino de uma mulher atrelada ao casamento e ao marido. Mudar de vida significa casar-se.

Emma se destacava, era inteligente, audaciosa e curiosa sobre o mundo. Tudo queria aprender e tudo aprendia. No filme, a personagem demonstrava desejo de buscar saberes novos, procurando suprir uma falta que não conseguia preencher. Ao contrário de Charles Bovary, filho de um médico que, ainda jovem, estudou medicina e não foi considerado um bom aluno. Charles se contentava com a vida medíocre que tinha, não buscava por novos saberes, não se interessava por nada, apenas sobrevivia. O próprio Flaubert (1957) descreve Charles como um sujeito medíocre, sem assunto e sem grandes interesses e ambições. Mesmo Charles sendo um homem insignificante, na obra 'Madame Bovary' é apresentado a história de seu marido. Diante de tal fato, é demonstrada a violência social da época, identificando um aspecto da violência de gênero, o homem, mesmo insignificante e medíocre, é parte importante na história de uma mulher.

Segundo Kehl (2008), a modernidade aponta ao surgimento da família nuclear, que demarca uma separação entre o espaço público e privado. Esse

fato modificou a sociedade europeia, surgindo um sujeito com dispositivos de controle, ou seja, jurídico-institucionais. A família nuclear é considerada um lugar de intimidade, privacidade e relaxamento. O papel da esposa, considerada mulher do lar, é de manter esse espaço como sagrado. Quando o marido volta do trabalho, essa mulher deve lhe proporcionar um ambiente tranquilo e harmonioso. O casamento trazia para a mulher oitocentista a responsabilidade de fazer o outro se sentir bem (KEHL, 2008). Dessa forma, se configura uma violência contra a mulher que, além dos afazeres da casa e do cuidado com os filhos, fica a cargo dela fazer o marido se sentir bem e feliz dentro do lar. Emma, no seu repertório de fantasias romanescas, esperava que o casamento a afastasse da vida pacata, porém isso não aconteceu, ao contrário, lhe trouxe mais monotonia. Uma mulher provinciana não tinha onde se divertir ou ter prazer fora do lar, sendo o casamento e os filhos seu único destino. Servir os filhos e ao marido: o que mais uma mulher poderia desejar?

Uma leitora assídua, Emma trazia em suas fantasias femininas a perspectiva de ‘amor’ e de casamento baseada nos romances que lia. Almejava viver o estilo de vida das personagens literárias, que, na época, era contraditório a vida dos moradores do interior da França, onde vivia com o marido. Passados alguns meses, o que ela sonhava encontrar no casamento não se concretizou. Ao contrário, o dia a dia com Charles se mostrava tedioso e frustrante. O entusiasmo do início do casamento deu lugar ao profundo sentimento de tristeza, logo, Emma não encontrava nada que a motivasse.

Emma se mostra uma mulher que não encontra satisfação com casamento e, portanto, sonha em encontrar a felicidade na maternidade. Quando engravidou esperava ter um menino e sentir as alegrias da maternidade, alegria esta que também lia nos romances. Ao dar à luz e ser informada de que a criança era uma menina, Emma desmaia. Ao acordar, foi tomada pela decepção de ter gerado uma menina. Ela não se sente realizada após se tornar mãe e acaba rejeitando a filha. Sua filha, Bertha, foi levada para morar com uma ama de leite, a qual Emma visitava esporadicamente. Com um ano de idade, Bertha volta a morar com os pais. Certo dia, ao ver Emma voltando para casa de um passeio, a menina corre ao seu encontro para abraçá-la. Emma, muito irritada, tenta afastar Bertha, que cai no chão e se machuca, sendo Charles,

o médico da casa, quem cuida dos machucados da filha. Nesse momento de sua vida, Emma não está satisfeita com o casamento, nem com Charles e nem com a maternidade e ainda achava sua filha uma criança feia.

Historicamente, os estudos sobre a mulher e o feminino apontam à naturalização e à associação entre mulher e maternidade. Na família da época que viveu Emma, o ser feminino e a maternidade eram considerados intrínsecos. A partir da teoria psicanalítica, é possível questionar a cristalização do lugar da mulher e da maternidade.

A maternidade é entendida como uma armadilha social para a mulher, forma de controle de costumes tradicionais que a fomentam. O papel social da maternidade é interpretado como a consolidação da submissão da mulher em torno do homem nas sociedades patriarcais (BRASIL; COSTA, 2018). Segundo os autores, o papel da maternidade torna-se um aprisionamento da mulher dentro do lar, ocupando-se constantemente com o cuidado e zelo da família e, em muitos casos, esta função não é compartilhada com o homem, mas a serviço dele.

Mais uma violência contra a mulher é escutada a partir do filme: percepção da mulher com a responsabilidade de ser uma mãe zelosa, altruísta, desprendida de si e das suas vontades, pelos filhos e pela família. Emma, frustrada em não ter um filho homem e em constante sofrimento psíquico, perante a sociedade não se tornou uma boa mãe. ‘Madame Bovary’ é original e rompe com o discurso de uma época ao revelar uma mulher de prazeres que não se associam à maternidade ou ao casamento.

Desta forma, “[...] a maternidade assumiria uma imagem de experiência fundamental e, quando negada, pode influenciar no próprio entendimento do ser mulher” (BRASIL, COSTA, 2018, p. 429). Assim, a maternidade seria um movimento de suposta completude da mulher, fazendo analogia ao sentido fálico, ou seja, total, completa, onipotente (FREUD, 1905/2006). Emma se revela uma mulher insatisfeita, incapaz de encontrar na maternidade satisfação ou gozo. Entretanto, o lugar social possível para a mulher, ao menos neste tempo, é a maternidade. A mulher que, por ventura, não se tornar mãe, é considerada incompleta. Para os autores, a mulher é atrelada a uma reivindicação fálica jamais satisfeita.

A cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina. Desse ponto de vista, uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, a anormal por excelência (BADINTER, 1985, p. 15).

Ficando cada dia mais descontente com o casamento e com Charles, Emma tentou buscar prazer e emoção no adultério. Tendo como repertório fantasioso de homem e marido o dos romances que lia, Emma buscava nos amantes encontrar o homem tão sonhado, inteligente, atraente, viril. Mas Emma não encontrava nos amantes o que buscava: ser feliz, completa, satisfeita. Essa situação a deixava irritada. Incompreendida, exigia constantes demonstração de amor dos amantes. Flaubert, assim como a teoria psicanalítica, revela uma mulher de desejos, que acabam recalcados e reprimidos pela sociedade.

Não satisfeita com a vida de casada com Charles, nem com os amantes, nem com a maternidade, 'Madame Bovary' busca satisfação nos produtos do Sr. L'Heureux, um vendedor que lhe oferece tudo o que ela precisava para transitar e sentir-se como as mulheres burguesas, aquelas descritas nas suas leituras romanescas. 'Madame Bovary' encontra nas compras exageradas a satisfação momentânea, tentando suprir o que não consegue sentir na sua vida amorosa. Diante dessa compulsão pelas compras, Emma gasta todo o dinheiro e patrimônio de Charles, deixando a família Bovary destruída financeiramente.

Segundo Ceccarelli e Andrade (2018), a maneira como o sujeito lida com as manifestações da sexualidade está vinculada a dois movimentos psíquicos, que afetam regiões psíquicas distintas: o recalque sexual e a repressão da sexualidade.

Neste sentido, o recalque se refere à barreira do incesto, que impõe ao sujeito o afastamento do primeiro objeto sexual, tratando-se de uma exigência cultural e social. Em outras palavras, "presente em toda cultura, o recalque é condição inegociável para que ela exista; é o movimento que diferencia

e organiza o humano” (CECCARELLI; ANDRADE, 2018, p. 233).

O segundo movimento psíquico, denominado repressão da sexualidade, sustenta relações com a moral sexual e com valores sociais em que está embasada a moral vigente, ou seja, a civilização sobre interferências prejudiciais, gerando repressão nociva na vida sexual do sujeito, imposta pela moral sexual. Nessa vertente, o sexual é uma incógnita para o sujeito. Mesmo assim, o sexual resiste às normas ou ao controle e a sexualidade comunica sobre o caminho do sexual. “Entretanto, sendo o imaginário uma construção sustentada pelos mitos de origem da cultura em questão, ele muda segundo a cultura, a época e os costumes: ele é sócio-histórico, logo político” (CECCARELLI, ANDRADE, 2018 p. 233).

Emma, através de sua vida de casada, retrata a repressão da sexualidade de uma época. Segundo Kehl (2008), a doçura da mulher e submissão ao homem têm um efeito cultural de sustentar a posição do macho na hierarquia familiar. Dessa maneira, as mulheres são educadas para serem recatadas e resistentes ao sexo, situação que reforça a virilidade masculina.

As questões de Emma, sua insatisfação, mesmo que ninguém a compreendesse, eram de outra natureza. Ela não conseguia preencher seu vazio intelectual, cultural e sexual, principalmente em se tratando da época oitocentista. A personagem apresenta uma nova possibilidade de existência da mulher no laço social: uma mulher insatisfeita com a submissão ao lugar de mãe. Emma rompe com o silêncio dos desejos de uma mulher, transborda as censuras e a moral vigente, porém, não encontra acolhimento em outras mulheres ou na cultura. Não há lugar para ‘Madame Bovary’. Era ainda impossível conceber uma mulher com vontades para além do lar e do marido.

Desesperada com a situação financeira em que colocou a família e a ela mesma, busca solução para seu sofrimento ingerindo arsênico, que a levou à morte. Charles tentou salvar sua ‘mulherzinha’, como ele costumava se referir à esposa, mas sem sucesso. Emma, em sua trajetória de vida, buscou viver intensamente, procurava algo que preenchesse seu vazio existencial e realizasse suas fantasias romanescas. Assim, mesmo no momento de sofrimento, não encontra um lugar de fala, findando sua vida, imitando as heroínas dos romances que lia, o que indica que nem no momento de sua maior miséria humana, deixou de ser intensa.

Emma conseguiu alguma maestria sobre seu destino. Somente ao decidir sobre sua própria morte, Emma escapou à posição de objeto dos homens em geral. Seu suicídio transgrediu as ordens de Homais, as leis da igreja, o desejo de Charles, as decisões de Lheureux e do agiota (KEHL, 2008, p. 177).

Culturalmente, na época de Emma, a mulher estava sujeita às vontades e à disponibilidade do seu marido, tarefa que Emma teimava em renegar. Contudo, Emma paga o preço de receber olhares de julgamento na rua por parte de outras mulheres que a denominam adúltera, violência sustentada pela própria cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi escutar as violências contra a mulher na obra ‘Madame Bovary’, tendo como sustentação teórica a psicanálise. Para tanto, além da escuta do filme, o livro ‘Madame Bovary’, lançado por Flaubert em (1857), também foi lido. Na época, a obra causou inquietação na sociedade burguesa, que se sentiu afrontada com a história de Emma, uma mulher insatisfeita, fantasiosa, adúltera, que se mostrava descontente com o papel da mulher, esposa e mãe, papéis da figura feminina de suma importância pela sociedade.

O primeiro tópico de análise gira em torno da violência contra a mulher em ‘Madame Bovary’, se referindo aos costumes e à moral burguesa da época. O filme permitiu contribuir para a escuta da violência contra a mulher, considerando a classe social burguesa como promotora de seu papel passivo e submisso. Pensando na contemporaneidade, segundo Badinter (2011), os caminhos conduzem a debates de um novo destino do feminino, desmistificando modelos culturais e sociais rígidos do século passado. Diferentemente do destino de Emma no filme, na contemporaneidade o percurso de cada

mulher não representa mais apenas a maternidade e o casamento, possibilitando o surgimento de outras vias cabíveis e desejáveis.

O segundo tópico de análise ressalta as discussões sobre o estereótipo de mãe que Emma não foi. Pelo contrário, a personagem optou por trilhar um percurso com amantes, em que o sexo não servia somente para reprodução. Nem Eva nem Maria, nem pecadora nem santa, apenas uma mulher de desejos. Aprendendo com Emma, hoje, a mulher encontra ressonância no corpo social que permite viver seu desejo (NUNES, 2011).

Assim como Freud ao se calar diante das questões e enigmas de uma mulher, fazendo surgir a teoria psicanalítica, Flaubert permite silenciar a voz de um homem e faz surgir a voz de uma mulher de desejo em sua obra, ao apresentar uma personagem que não se adequa à sociedade e às suas normas.

Desta forma, enquanto psicanalistas, nos cabe a escuta, a criação de espaços em que a mulher aparece com seus desejos e sua voz. Portanto, cabe, também, pensarmos em estratégias e intervenções que permitam às mulheres escreverem sobre si mesmas, sobre seus anseios e sofrimentos. Percebe-se a urgência na implicação de uma psicanálise capaz de diminuir o sofrimento causado pela violência contra mulher. Então na contemporaneidade a pergunta freudiana “o que querem as mulheres”? As mulheres, nos transmite Emma, desejam ser escutadas.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 268 p.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BRASIL, Marina; COSTA, Angelo Brandelli. Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis? **Psicologia Clínica**, v. 30, n. 3, p. 427-446, 2018.

CECCARELLI, Paulo Roberto; ANDRADE, Eduardo Lucas. O sexual, a sexu-

alidade e suas apresentações na atualidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 21, n. 2, p. 229-250, 2018.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. (1923). *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo**. (1923). *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. (1925). *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. A instrução judicial e a psicanálise. (1906)¹. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria. (1893). *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. Sobre a Sexualidade Feminina. (1931). *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Freud, Sigmund. A sexualidade feminina. (1931). *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Feminilidade. (1932). *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2. ed., Rio de Janeiro: Imago, 2008.

MENEZES, Daniel Coelho; SANTOS, Marcus Vinicius Oliveira. Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. **Analytica**: Revista de Psicanálise, v. 1, n. 1, p. 90-105, 2012.

MOLINA, José Artur. O que Freud dizia sobre as mulheres. 2.ed. São Paulo:

Cultura Acadêmica, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/109164>. Acesso em: 10 out. 2020.

NOBRE, Thalita Lacerda. Considerações sobre Psicanálise e literatura: uma leitura de Madame Bovary. **Psicologia Revista**, v. 19, n. 2, p. 207-224, 2010.

NUNES, Silvia Alexim. Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar.

Psicologia Clínica, v. 23, n. 2, p. 101-115, 2011.

NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, 260 p.

PEREIRA, Cassiana Linhares.; VIEIRA, Heric Carvalho; MENEZES, Thiago Pedro. O véu que tece o desejo: aproximações entre cinema e psicanálise. **Extensão em Ação**, Fortaleza, v.1, n.17, p. 18-27, jan./jul. 2019

POLI, Maria Cristina. Pesquisa em Psicanálise. **Revista da Associação psicanalítica de Porto Alegre – APPOA**. n. 29, p. 42-47, 2005.

ROSA, Miriam Debieux; A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

